

“AS MARCHAS DA VITÓRIA NO CEARÁ”: Conjuntura e ações políticas (Abril e Maio de 1964).

Jucelio Regis da Costa¹

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo analisar a dimensão, sócio-política, que as “Marchas Da Vitória” tiveram no Estado do Ceará. Entre outras questões, procuro: inferir acerca dos vários mecanismos que os grupos conservadores da política local utilizaram para articular, através das referidas marchas, os segmentos sociais contra o governo de João Goulart, especialmente na região cearense; Verificar como, na década de 1960, as idéias políticas, de cunho nacional, eram abstraídas pelos segmentos mais simples das sociedades locais; Perceber a atuação dos segmentos sociais (operários, militares, empresários, políticos e ligas camponesas) diante deste cenário sócio-político que provocou em vários desdobramentos; Compreender como a Igreja Católica, preocupada com o suposto “perigo comunista”, ativou, entre a população cearense, a mobilização em torno das Marchas da Vitória. Por tanto, para entendermos esse período precisamos analisar a raiz do golpe, os motivos que levaram os militares a dar o golpe no ano de 1964. Busco relacionar o conhecimento já produzido sobre o tema com outras ciências como, por exemplo, a sociologia e a ciência política.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Católica, Anticomunismo e Política.

ABSTRACT

KEYWORDS:

Introdução

O historiador possui a árdua tarefa de compreender, analisar, apresentar perspectivas ou novos sentidos aos fatos e acontecimentos através do processo de construção do conhecimento histórico. Por meio dessas habilidades podemos direcionar o olhar para o estudo das manifestações políticas, identificadas por se apresentarem através de ações e ideologias contrárias, como *As Marchas com Deus pela Liberdade*, ocorridas após o Golpe Militar de 1964.

¹Professor de História e Filosofia do Colégio Patronato São Vicente de Paulo. Graduado com Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM/UECE.

O estudo dessas manifestações reacionárias tem a finalidade de compreender as ações políticas e sociais, individuais e coletivas dos organizadores no Estado do Ceará, no período compreendido entre abril e maio de 1964. Para auxiliar no desenvolvimento do trabalho tomaremos como elementos fundamentais as articulações, o processo de organização, as alegorias, os conflitos em torno da realização das referidas manifestações.

O discurso oficial alicerçado por uma memória conservadora e por vezes dogmática se constitui um elemento relevante para pensarmos os caminhos da pesquisa e para refletirmos sobre novas perspectivas e abordagens possíveis para compreendermos a *Marcha com Deus pela Liberdade* no Ceará. Desse modo, procuramos romper com os limites cristalizados da memória e das narrativas ditas oficiais, da qual os remanescentes diretos estabeleceram uma determinada cultura histórica, através da herança com o seu passado, que pretende se conservar imbatível.

As primeiras interpretações do fato remontam ao seu acontecer, pois de acordo com Arão Reis:

Toda esta frente, bastante heterogênea, constituiu um verdadeiro movimento civil, expresso em encontros, comícios e nas famosas Marchas da Família com Deus e pela Liberdade, reunindo milhões de pessoas em todo o país, fundamentais para legitimar as posições favoráveis às intervenções militar golpista. Conferiram bases sociais à aliança entre o Dinheiro, a Cruz e a Espada que derrubou o governo Jango².

Todos os elementos presentes nas marchas faziam alusão ao modo como os organizadores interpretavam a realidade. As atitudes reacionárias e o jogo político mascarado *na luta em defesa da democracia* através de rompimentos e alianças partidárias em favor dos interesses dos atores envolvidos revelam estratégias de disputar pela memória em torno do evento. Numa combinação entre religião, política e ideologia, formaram-se as *Marchas com Deus pela Liberdade*, intencionando a demonstração de um espetáculo cívico e patriótico, em comemoração à intervenção dos militares.

Durante décadas, foi sendo construída uma cultura histórica que se sedimentou nos discursos oficiais e na memória do fato, como uma manifestação *salvadora da nação brasileira* em resposta a um passado indesejável e como uma ação revolucionária frente aos

² Ibidem, p. 38-39.

imperativos do futuro do país. Essas estratégias mobilizaram setores da população cearense e diversas instituições e entidades que estiveram em situação de consentimento à ação do militares.

A tomada e o controle do poder pelos militares brasileiros resultam de um conjunto de estratégias políticas e ideológicas, dentre elas, da imensa repercussão ideológica da campanha anticomunista nos meios de comunicação. Por outro lado, a *incapacidade do Governo Jango* de maior aproximação com esquerda também repercutiu negativamente para manter o Estado de Constitucional que vigorara até então. A garantia da vitória na luta contra o suposto perigo comunista era a garantia da vitória dos militares, apoiados por grande parte das classes médias e altas, membros partidários do UDN e PSD, religiosos, empresários e diversas entidades.

1. “Momentos de grande entusiasmo cívico e patriótico” – O espetáculo ganha a forma de adesão ao regime militar.

No início do século XX, vários pensadores da elite ilustrada construíram no interior do IHGB uma narrativa histórica do Brasil, no intuito de inventar uma identidade nacional com base na negação do seu passado colonial. A idéia de nação brasileira *teve que ser fabricada – isto é, imaginada*³. Para Aline Magalhães:

O desenvolvimento baseado numa ruptura com o passado, considerado retrógado e incompatível com as inovações propostas, era buscado juntamente com questões referentes à identidade nacional, calcada na continuidade com o passado, ligando experiências novas e experiências antigas – ou encontrando as raízes das novas circunstâncias em um pretérito recuado – de modo a dar-lhes historicidade e, a partir desta, produzir um sentimento de “pertencimento”, de familiaridade entre os membros de uma comunidade imaginada⁴.

O mito fundador dessa comunidade, isto é, a constituição de uma nação brasileira teve dois pilares: a narrativa territorial, em que a nação era vista como um território vasto e cercado por fronteiras naturais e na elevação da bandeira nacional, como símbolo máximo. Esses elementos deram direcionamento para a construção desse momento do nacionalismo

³ MAGNOLI, Demetrio. O corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808 - 1912). – São Paulo – Editora Moderna, 1997, p. 09.

⁴ MAGALHAES. Aline Montenegro. Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959). p. 25.

brasileiro. Segundo Marilena Chauí *o projeto nacionalista não é a demonstração de um teorema, mas a produção de uma identidade meta-histórica cujos pilares estão fincados no solo da cultura*⁵. Isto nos leva a compreender o molde político e cultural no interior do qual surgiu o Brasil⁶ e que a narrativa do mito da nação brasileira remonta a outras épocas.

Sendo utilizada numa manifestação política de cunho reacionário, no sentido da continuidade política, a *Marcha da Família com Deus pela liberdade*, no ano de 1964, nos revela que a sociedade brasileira da década 1960 buscava se reencontrar com o seu passado. Agindo através de uma cultura política, pautada na conservação dos princípios e das tradições nacionais. Uma cultura política que se apresentava através do elo entre princípios políticos e religiosos, herdados pelo passado, mas que se mantiveram vivos à medida que suas bases se tornaram frágeis pelas mudanças na conjuntura nacional. Assim, as *Marchas com Deus pela Liberdade*, demonstraram através das ações e dos discursos ideológicos uma recuperação do passado nacional brasileiro. Como também revelaram a capacidades que determinados grupos conservadores da sociedade dão sentidos ou dão atribuições a uma dada realidade social, em determinado momento e lugar⁷.

Demonstrando uma teia composta pela herança político-partidária na qual estão inseridos os grupos conservadores e reacionários e o *lócus* específico da cultura política sincrética do Brasil, percebemos que a bandeira do Brasil nas marchas eram hasteada muito alta, em lugar de destaque, simbolizando o sentimento patriótico composto pelos elementos: Estado, Deus e Natureza. Esses elementos constitutivos formam a concepção de Pátria, ou melhor, de Nação.

Durante as décadas de 1950-1990, esses três elementos estiveram ancorados na ideologia do verdeamarelismo. O verdeamarelismo foi criado pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do país essencialmente agrário e sua construção coincide com o

⁵ Ibidem p. 12.

⁶ MAGNOLI, Demetrio. *O corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. – São Paulo – Editora Moderna, 1997, p. 12.

⁷ RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no rio Grande do Sul (1945-1964)**. 2 Ed. – Passo Fundo: UPF, 2003, p. 48.

período em que o princípio da nacionalidade era definido pela extensão do território e pela densidade demográfica⁸.

A bandeira brasileira presente nas *Marchas com Deus pela Liberdade* demonstra, nesse momento, a identificação dos sujeitos envolvidos com o verdeamarelismo. Durante o Golpe de Estado de 1964 e principalmente com as *Marchas com Deus pela Liberdade*, reaparecem os ideais que nortearam o verdeamarelismo durante 1930-40, que foi a preocupação com a integração nacional, a segurança nacional e o desenvolvimento nacional.

A *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*⁹ foi um movimento organizado por grupos políticos, religiosos e militares, de matiz conservadora, que estavam descontentes com as reformas anunciadas pelo governo de João Goulart (Jango)¹⁰. A deputada Conceição da Costa Neves nomeou de *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* o movimento reacionário, de extrema direita contra os projetos proposto pelo presidente João Goulart no comício da Central do Brasil. Os grupos envolvidos no movimento afirmavam que o cenário político nacional estava defasado, pondo em risco os sentimentos cristãos, cívicos e morais.

A primeira manifestação ocorreu em São Paulo, no dia 19 de março de 1964, em resposta ao comício realizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 13 do mesmo mês, quando João Goulart apresentou o programa de Reformas de Base¹¹. O programa de reformas de base era um projeto que foi anunciado pelo João Goulart no intuito de modificar as condições da realidade nacional. O pacote de reformas abrangia a questão agrária, universitária, saúde, tributária, administrativa, etc. Com base no programa de reformas se projetava uma nova nação com bases alicerçadas, modificando as estruturas existentes, consideradas tradicionais e conservadoras. Aliado ao seu projeto de governo João Goulart teve o apoio de intelectuais que também pensavam um país diferente como por exemplos,

⁸ CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Editora Perseu Abramo - São Paulo, 2000, p. 32.

⁹ (Ver Dockhorn, 2002, p. 103).

¹⁰ **João Belchior Marques Goulart** nasceu no dia 1 de março de 1918, em São Borja, Rio Grande do Sul, filho de Vicente Rodrigues Goulart. Em 1946 ele iniciou sua carreira política no PTB; Entre 1950 a 1954, foi presidente do diretório do partido no Rio Grande do Sul; 1946 a 1950, deputado estadual; 1951 deputado federal, mas recebeu licença para assumir na Secretaria do Interior e Justiça do Rio Grande do Sul (1951-1952); Ocupou a pasta do Ministério do Trabalho no governo de Getúlio Vargas (1952-1953). Presidente nacional do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB (1952-1964). (Ver Bandeira, 2001, p. 51).

¹¹ (Ver Oswaldo Munteal Filho, 2008, p. 09-10).

Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Josué de Castro, San Thiago Dantas, Nelson W. Sodré, Maria Yedda Linhares, Caio Prado Junior, Florestan Fernandes, são os mais citados.

O governo de Jango tinha pretensões em realizar um conjunto de transformações política, social e econômica no país e com base nisso, a direita extremista reagiu ao projeto em questão, articulando os setores sociais, principalmente, as médias e altas camadas da sociedade, para uma manifestação que ficou conhecida como a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, reunindo cerca de 500 a 800 mil pessoas, em São Paulo. Esse movimento teve vários desdobramentos, ocorrendo várias manifestações em todo o país. Cabe aqui lembrar que a manifestação em São Paulo ocorreu anterior ao golpe militar de 1964, enquanto que grande parte das demais manifestações ocorreu após o Golpe, ficando conhecidas como *Marchas da Vitória*, em adesão à ação, à intervenção militar.

A Marcha ocorrida em 19 de março de 1964, do ponto de vista dos organizadores, tinha a intenção de expressar o repúdio ao comunismo. Para eles, como o título da Marcha já expõe, tinha um caráter cívico-religioso. Esse movimento era entendido como uma manifestação dos sentimentos do povo brasileiro, a fidelidade aos ideais democráticos, na forma de prestigiar o regime, a Constituição, etc. O objetivo dessa manifestação era o combate, o confronto, o repúdio ao suposto *perigo comunista*, ao *comunismo ateu e antinacional*.

Em São Paulo, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* foi organizada por diversas entidades¹². Nesse movimento, percebemos a participação das entidades religiosas, políticas e sociais. Entre elas estavam: a Associação das Senhoras Brasileiras, a Frente da Juventude Democrática¹³, a Rede das Entidades Democráticas, a Falange Patriótica, o Instituto Social, o Clube da Liberdade, Círculos Operários Católicos¹⁴, Cruzada do Rosário e da Família, Liberdade da Defesa Nacional, Campanha Mulher pela Democracia, etc.

¹² A Marcha em São Paulo foi liderada pelo deputado Antônio Silvio da Cunha Bueno e teve o apoio do governador Ademar de Barros, Auro de Moura Andrade, Presidente do Senado e Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara.

¹³ A Frente da Juventude Democrática era uma entidade controlada e coordenada pelo IBADE e estava filtrada entre as classes médias, altas e entre os trabalhadores assalariados. (Ver Dockhorn, 2002, p. 101).

¹⁴ Os Círculos Operários Católicos era uma entidade que buscava ter afinidade com a nova realidade brasileira, pois a industrialização avançava cada vez mais, modificando as estruturas tradicionais sociais e políticas. Diante

A Marcha teve um caráter político-religioso. Podemos perceber um conjunto de fatores indicativos desse caráter: no evento consta a participação de partidos políticos UDN e PSD, de grande destaque nacional; as ideologias anticomunistas sendo reforçado com os ideais religiosos, patrióticos e políticos que foram capazes de mobilizar diversos grupos sociais e diversas entidades. Não devemos esquecer que esse movimento realizado em todo território nacional teve algumas semelhanças com aqueles realizados em diversas capitais brasileiras, após o dia 19 março de 1964, no que diz respeito aos princípios religiosos, patrióticos e cívicos, bastante cultuados pelas elites políticas, pela intelectualidade, pela imprensa, todos de matiz conservadora. Em cada Marcha realizada, independente do lugar, observamos essa imbricação de elementos políticos e religiosos, uma certa sacralização da atividade política. Não podemos desconhecer, portanto que as Marchas apresentavam suas especificidades, levando-se em consideração os próprios grupos e atores sociais envolvidos, os interesses e a dinâmica das relações desses grupos e desses atores, o papel social que cada um teve.

No Ceará, as *Marchas da Família com Deus pela Liberdade* foram realizadas na Capital (*Fortaleza*) e em vários municípios do interior, entre os meses de abril e maio do ano de 1964, quando os desdobramentos desse fato foram bastante divulgados pela imprensa cearense. A imprensa escrita exerceu papel fundamental, sendo um forte aliado e acima de tudo, um veículo de divulgação e de conclamação dos grupos sociais e da população de modo geral para se fazerem presentes nas Marchas que viriam a ser realizadas. As Marchas ocorreram nos municípios: Ipaumirim, Fortaleza, Limoeiro do Norte, Pentecostes, Jaguaruana, Iguatu, Morada Nova, Aracati, Pacoti, Sobral, Aracoiaba, e se tornaram noticiários nas páginas dos jornais e periódicos naquele ano, entre eles estão os jornais, *O Nordeste*, *Gazeta de Notícias*, *A Tribuna*, *o Unitário*, *O Estado*.

Através da notícia jornalística em *Unitário*, de 29 de abril de 1964, percebemos as articulações da instituição religiosa e o modo como os demais grupos são convocados para participar no referido evento, no município de Limoeiro do Norte.

disso a Igreja Católica necessitava influenciar o meio operário e ao Estado. Desse modo, os círculos operários se tornaram num forte mecanismo aliado a Igreja para se infiltrar no meio dos trabalhadores.

Preparam-se autoridades, entidades e o povo de modo em geral, para homenagear as gloriosas Forças Armadas brasileiras, em momento, inesperado, combateram aqueles que tudo fizeram para lançar as garras do comunismo ateu em nossa querida PÁTRIA. Toda a programação está sendo elaborada na residência do Rvmo, Monsenhor Otavio de Alencar Santiago¹⁵.

Este relato jornalístico trata da divulgação da Marcha, afirmando em que os três segmentos sociais (autoridades políticas, religiosas e o povo), estão em processo de preparação. A fonte citada também faz menção de que os preparativos e a programação a ser realizada no dia da marcha, foram feitas na residência do monsenhor Otavio de Alencar Santiago. O Monsenhor Otavio de Alencar Santiago se tornou pároco de Limoeiro do Norte em 14 de novembro de 1938 e poucos anos depois tomou posse da Diocese no município a pedido do Bispo Dom Aureliano Matos. A atuação religiosa do monsenhor juntamente com D. Aureliano Matos tenha facilitado no preparo da marcha, no dia 1 de maio de 1964. Visto que o Otavio de Alencar em 1964 já possuía toda uma trajetória de vida, em organizações de eventos religiosos, projetor das diversas igrejas da região jaguaribana e ações de movimentos sociais, ligados a Diocese e a Igreja local.

A exemplo de Limoeiro do Norte, os demais municípios tiveram suas manifestações organizadas por diferentes instituições, entidades e segmentos sociais. Com base nos relatos jornalísticos de circulação no Estado do Ceará, podemos, grosso modo, mencionar os municípios em caso de estudo, com os seus organizadores, instituições e entidades envolvidas no processo de preparação e realização, respectivamente: *Juazeiro do Norte* – Organizadores: Os vigários da Paróquia de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora de Lourdes, presidido pelo Pe. Murilo Sá Barreto; Padres Superiores dos Conventos, representados pelos padres – Antonio Germano, Frei Jesualdo Maria do Carmo, Frei Egdio, Luiz Marinho Falcao e Manuel Esaú; Missionários Capuchinhos, Ordem Jesuíta e Ordem Salesiana, a Frente Democrática e a Diretora da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, professora Amália Xavier de Oliveira¹⁶. *Pentecostes* – Organizadores: Prefeito Júlio de Oliveira Dias e os correspondentes do jornal *Unitário* – Luiz Crescencio Pereira e João Jackson Crescencio Pereira¹⁷. *Aurora* – Organizadores: Prefeito Francisco Bezerra dos Santos e o Juiz de direito, Dr. José Sobral¹⁸.

¹⁵ Jornal *Unitário*, 29 de Abril de 1964.

¹⁶ Jornal *Unitário*, 11 de Abril de 1964.

¹⁷ Jornal *Unitário*, 26 de Abril de 1964.

¹⁸ Jornal *Unitário*, 03 de Maio de 1964.

Pacoti – Organizadores: Presidente do Círculo Operário, professor Flavio Ferreira Lima e o vigário da Paróquia, Padre Hilário¹⁹. *Ipaumirim* – Organizadores: O vigário da Paróquia, Padre Jacques Milfont e o Prefeito Expedito Dantas Moreira²⁰. *Morada Nova* – Organizador: Dr. José Augusto Russo²¹. *Acopiara* – Organizador: Prefeito Miguel Galdino Oliveira²². *Fortaleza* – Organizadores: Governador Virgílio Távora e primeira dama²³ e *Limoeiro do Norte* – Monsenhor Otávio de Alencar Santiago e Bispo Dom Aureliano Matos.

As *Marchas com Deus pela Liberdade* no Estado do Ceará possuem alguns aspectos semelhantes. Elas foram realizadas após o golpe civil-militar de 1964. Devido a isso, elas ficaram conhecidas como as *Marchas da Vitória*, em homenagem a ação das Forças Armadas, nos primeiros dias do mês de abril, que resultou na deposição do presidente João Goulart.

2. Novos olhares sobre o golpe de 1964.

Nas três últimas décadas, o golpe de 1964 tem sido analisado por muitos estudiosos, estimulando uma produção com inúmeras interpretações. Dentro dessas diversas perspectivas encontramos, de forma geral, quatro pressupostos essenciais: o olhar dos autores, os vínculos teóricos, o contexto das interpretações e a narrativa sobre o acontecido.

As perspectivas mais correntes a respeito do golpe de 1964 são: **a interpretação estrutural e funcional**, que abrange a dimensão de tempo longo, relacionando a deposição do presidente João Goulart por um golpe civil e militar, com ênfase para o subdesenvolvimento e para o atraso na industrialização do Brasil²⁴. Os problemas das estruturas políticas, econômicas e sociais em longo prazo promoveram a inevitabilidade do golpe. Esta linha de pensamento foi inaugurada na década de 1970 pelos principais estudiosos: Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Maria da Conceição Tavares e Francisco de Oliveira.

Já no final da década de 1970 e ao longo da década de 1980 entra em cena outra nova vertente interpretativa a respeito do golpe de 1964, a chamada **interpretação conspiratória**,

¹⁹ Jornal *Unitário*, 05 de Maio de 1964.

²⁰ Jornal *Unitário*, 06 de Maio de 1964.

²¹ Jornal *Unitário*, 10 de maio de 1964.

²² Jornal *Correio do Ceará*, 28 de Abril de 1964.

²³ Jornal *Unitário*, 14 e 17 de Abril de 1964.

²⁴ *Ibidem*, p. 17.

tendo como expressão Moniz Bandeira, René Dreifuss e Heloisa Starling. Eles analisam que a ruptura da ordem política foi decorrente de uma ação conspiratória pelos setores das forças armadas anticomunistas, pelo empresariado nacional, latifundiários, setores conservadores da igreja católica e principalmente a UDN²⁵.

Entre os anos de 1981 a 1997, surge através de pesquisadores como Florestan Fernandes, Caio Navarro de Toledo e Lucilia de Almeida da Neve Delgado a **interpretação de caráter preventivo da intervenção civil e militar**, que dá ênfase à *intervenção na ordem política dos militares, estimulada por forte descontentamento com a crescente e autônoma organização de diferentes segmentos da sociedade civil*²⁶.

Wanderley Guilherme dos Santos, Argelina Figueiredo e Jorge Ferreira introduziram entre os anos de 1986 a 2004, outra versão do golpe, a chamada **interpretação de ação política conjuntural**, *que enfatiza a idéia de que a movimentação política, que se desdobrou no golpe de 1964, apresentou variáveis conjunturais (tempo curto) e predominantemente políticas*²⁷.

Tomando como referência a perspectiva de **ação política e conjuntural** percebemos um segundo elemento que faz as Marchas da Família com Deus pela no Ceará, serem semelhantes uma das outras. Grande parte das Marchas, no Ceará, foi realizada no dia primeiro de maio.

Este dia, o 1º de maio de 1964, dia comemorativo ao trabalho e também o mês em que se realizavam as celebrações marianas, foi simbolicamente um momento excepcional em que seria realizada grande parte das *Marchas da Vitória* e de imensa repercussão noticiada pelos jornais *O Nordeste*, *Gazeta de Notícias*, *A Tribuna*, *o Unitário* e *O Estado*. Com base nos relatos jornalísticos, percebemos unicidade e predominância da visão conservadora ao tratar o momento de realização das marchas cearenses, caracterizando-as como “momento de grande entusiasmo cívico e patriótico” e em que as famílias, o povo de um modo geral estaria marchando sob o comando de Deus em direção a Liberdade do país.

²⁵ Ibidem, p. 22.

²⁶ Ibidem, p. 19.

²⁷ Ibidem, p. 24.

Nessa mesma perspectiva, podemos pensar o uso do espaço público como *locus* ou espaço de manifestação e repúdio as idéias estrangeiras como o socialismo, comunismo, anarquismo, etc. Nesse sentido, os espaços da Igreja Católica, as ruas, as praças, as sedes de prefeituras e de câmaras municipais, as escolas, se converteram em espaço de agregação das massas envolvidas, participantes das *Marchas da Vitória*.

3. Imaginário Anticomunista: a luta contra o inimigo vermelho.

Com base nas idéias coletivas se insere o quarto aspecto, de grande ênfase para a realização dessas manifestações que é o discurso anticomunista difundidos pelas entidades religiosas, autoridades políticas e pela imprensa.

Carla Rodeghero faz uma discussão sobre o imaginário anticomunista, durante as décadas de 1940-1960, apresentando a inclusão de dois conceitos que formam esse pensamento: anticomunismo e imaginário. A autora entende o anticomunismo como:

Um conjunto de idéias, de representações e de práticas de oposição sistemática ao comunismo que dá condições às pessoas ou grupos sociais de se identificarem a si mesmos e também aos outros, de exprimirem crenças e valores comuns, em contraposição àqueles que não são aceitos ou que são reprovados; de definirem papéis e posições sociais, de reagirem frente a conflitos, divisões e violências, reais e potenciais²⁸.

No interior do imaginário anticomunista aparece um elemento essencial bastante utilizado pela imprensa e pela Igreja Católica, que é associação da imagem do diabo com o comunismo. A utilização da imagem do diabo foi bastante comum nos discursos anticomunistas. Isso se deve muito à própria concepção que eles tinham à respeito do comunismo. O comunismo era percebido como um demônio, detentor das forças do mal, que tinha o objetivo de destruir a família, a propriedade privada e a pátria, de querer solapar todas as conquistas da civilização cristã²⁹.

Assim, o imaginário, simultaneamente ao anticomunismo, reflete um conjunto de representações e como um conjunto de práticas ajudando os indivíduos e os grupos a

²⁸ RODEGHERO, Carla Simone. O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no rio Grande do Sul (1945-1964). 2 Ed. – Passo Fundo: UPF, 2003, p. 28.

²⁹ Ibidem, p. 34.

interpretarem, a compreenderem a realidade e instigando ações e práticas³⁰. Isso revela as ações das elites política e religiosa no Ceará no combate a qualquer atitude ou ação que demonstrasse uma filiação ou uma identificação as ideologias e práticas comunistas. Suas concepções quanto ao regime comunista são de estranhamento e de não aceitação. Como também caracteriza o conservadorismo político e religioso por parte delas, demonstrando indiferentes a qualquer mudança no campo político, econômico ou social. As elites cearenses desempenharam ações contra o comunismo na cidade, nos municípios vizinhos através da vigilância dos espaços, sejam eles rurais ou urbanos. Como no episódio denunciado pelo jornal *Unitário*, quando o líder sindical, conhecido por “Paramgaba” atraía as populações das comunidades Várzea do Cobra e Bixopá ao ingresso nos sindicatos rurais, no município de Limoeiro do Norte.

Reina a mais completa decepção e revolta no seio das populações rurais deste município que, enganadas com as promessas mirabolantes e mentirosas feitas por falsos líderes, ingressaram nos sindicatos rurais organizados pelo comunista “PARANGABA”. Em localidades como Varzea do Cobra e Distrito Bixopá, é sensível e decepção e ansiedade dos pais de famílias, que iludidos com promessas de enxadas e abono para seus filhos, deram seus nomes como socios dos tais sindicatos. Esta emissora está servindo de veiculo através do qual as populações engandas lançaram seu veemente protesto. Nota lida na Radio Vale do jaguare em Limoeiro do Norte³¹.

A presença do suposto comunista em Limoeiro do Norte gerou um imenso desconforto por parte daqueles que buscavam o controle, as normas e a tranquilidade local. Segundo o trecho jornalístico a presença do líder sindicalista “Parangaba” criou um clima de decepção e revolta no seio da população local. Outro fator importante na ação e vigilância contra comunismo é o papel desempenhado pela Radio Vale do Jaguaribe no que diz respeito ao noticiamento desses fatos ocorridos que geravam um clima de insatisfações aos ouvintes. A Rádio Vale do Jaguaribe, além de informar os fatos de qualquer suspeita comunista também formulava uma opinião dualística entre a sociedade normatizada, com regras sociais, normas, condutas e tranquilidade com os comunistas, gerando na sociedade local o estado de revolta.

O texto jornalístico acima representa bem o pensamento anticomunista, sendo manifestado por parte da elite local através dos termos utilizados como “falsos líderes”. Esses

³⁰ Ibidem, p. 30.

³¹ Jornal *Unitário*, 15 de Abril de 1964.

falsos líderes, na representação anticomunista em Limoeiro do Norte, são seres degradantes, que penetram no seio da sociedade gerando decepção e revolta. São como um parasita que se instala num organismo e colocam suas garras (no caso, as garras do comunismo) para fora, neutralizando ou até mesmo matando tal organismo.

CONCLUSÃO:

A realização deste artigo é fruto de um aprofundado estudo sobre *As Marchas da Vitória no Ceará*, no intuito de perceber a dimensão que o referido evento alcançou. Ao se basear na perspectiva de ação política e conjuntural foi possível encontrar algumas características, sejam elas, de semelhanças ou especificidades, em torno da preparação e organização das manifestações como também determinados conflitos políticos diante de seus desdobramentos.

Inicialmente, pudemos compreender o papel sócio-político que os organizadores ou líderes desempenharam nas Marchas. Uma das intenções do evento foi demonstrar o total apoio da sociedade brasileira ao regime militar. Inclusive, as fontes sejam elas, depoentes, jornais ou memorialistas reforçam a reconstituição do evento como algo grandioso jamais visto igual na nação. No intuito de cristalizar na memória a repercussão da manifestação realizada. Esse apoio contou com determinadas características como a presença da sociedade em peso, revelando uma grandiosidade para os sujeitos organizadores e o povo.

Verificamos que no uso das cores da Bandeira Nacional e no entusiasmo com que aconteceram as Marchas ocorria uma espécie de sincretismo, unindo um sentimento patriótico brasileiro, alimentado pelo conservadorismo e a reverência as instituições cívicas e militares ao lado da devoção religiosa.

Através da distinção entre os três componentes simbólica (como a bandeira, as autoridades representadas e o povo de modo geral) verificamos o papel da hierarquia embasado e incorporando idéias cívicas e patrióticas. Com as análises já obtidas até aqui, vemos que diferentes organizações ou instituições se preocuparam em desempenhar determinados papéis ou funções diante da sociedade ou realidade que lhes são postas. Quais e

como foram as estratégias usadas pelas diferentes organizações políticas, religiosas e sociais para mobilizar o povo?

Com relação ao pensamento anticomunista, ele foi difundido em todo o país, não apenas pelo discurso como também pela imprensa, através de fotografias, caricaturas e charges. Nessas imagens produzidas com o intuito de disseminar a luta contra as ideologias estrangeiras, de que existe um inimigo oculto, que em grande parte desses discursos não se sabe quem as elaboram, criam, mas se apresentam como um pensamento coletivo. Como também ganhou características de estratégias para o controle da ordem social e política do país.

BIBLIOGRAFIA

HUNT, Lynn. **Política, Cultura e Classe na Revolução Francesa**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808 - 1912)**. – São Paulo – Editora Moderna, 1997

MAGALHAES, Aline Montenegro. **Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)**, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NOGUEIRA, Marcelo D'alencourt. **As relações políticas de João Goulart e Leonel Brizola no governo Jango (1961-1964)**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

NUNES, Antonio Pergentino. **Minha Vida, Minha Luta**. Fortaleza – Premium Editora, 1999.

OLIVEIRA, Plínio Correia de. **A Igreja ante a escalada da ameaça comunista**. Apelo aos Bispos Silenciados. Editora Vera Cruz, SP, 1977.

RÉMOND, René. **Por uma Nova História Política**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ/FGV, 2003.

Revista Brasileira de História. **O Brasil visto de fora**. São Paulo, ANPUH, vol. 29, nº 57, (jan-jun), 2009.

REIS, Daniel Aarão; RIDENT, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)**. São Paulo, Edusc, 2004.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no rio Grande do Sul (1945-1964)**. 2 Ed. – Passo Fundo: UPF, 2003.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. **Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE (1927-1950)**. RJ, UFC, 2000.

SCOCUGLIA, Afonso Celso e MACHADO, Charliton José Dos Santos. **Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira**. Programa de Pós-Graduação em Educação e Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campina – São Paulo, 2006.

SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará: “instruindo, educando, orientando moralizando” (1915-1963)**. Fortaleza – UFC, 2007.

SANTOS, Maria Rita Araújo. **Os Caminhos da Missão: A Diocese de Limoeiro do Norte, e o Discurso Social de Dom Aureliano Matos. 1940-1967**. Monografia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos / FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 1997.

SILVA, Ricardo. **Planejamento Econômico e Crise Política: Do Esgotamento do Plano de Desenvolvimento Ao Malogro dos Programas de Estabilização**. In: Revista de Sociologia e Política, n° 14: 77-101 jun. 2000.

SOARES, Ary Dillom e D'ARAÚJO, Maria Celina. **21 anos de regime militar: balanços e perspectivas**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.